

SIGNIFICADOS DE GÊNERO NO COTIDIANO ESCOLAR DE UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

TELLES, Edna de Oliveira - USP

GE: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

1. Gênero: algumas considerações

Nos últimos anos tem sido recorrente ouvir a palavra gênero em meios acadêmicos, especialmente na área das disciplinas ditas humanas, na teoria feminista, na pesquisa educacional, embora nessa última em número reduzido se comparado a outros assuntos pertencentes à área.¹O debate teórico sobre gênero tem sido marcado pelo contraste entre pelo menos duas grandes posições: uma essencialista, mais estritamente ligada a questões biológicas e naturais para explicar comportamentos, diferenças, relações e hierarquias entre mulheres e homens e outra que entende gênero como organização e construção social dessas relações. Entre essas duas grandes tendências, há uma gama de possibilidades que assume formas diferenciadas e subsidia explicações tanto biológicas quanto construcionistas, ora tendendo para explicações “naturalistas”, ora tomando as diferenças sexuais como base para representações e significados culturais, ora inserindo até mesmo a própria biologia no processo de construção social.

Segundo Scott , historiadora social norte americana, feminista:

“o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e gênero é uma primeira forma de dar significado às relações de poder ou ainda gênero é um campo primário no interior do qual ou por meio do qual o poder é articulado.” (Scott, 1.995, p.86)

Ou ainda:

“Gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e

¹ Ver Rosemberg (2.002), Bruschini e Amado (1.988).

mulheres mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo(...) Não podemos ver a diferença sexual a não ser como função de nosso saber sobre o corpo e este saber não é “puro”, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos.”
(Scott, 1.994, p.13)

No meu entender, esse conceito é o que melhor explica a complexidade de nossa sociedade e é esse o referencial utilizado no presente trabalho.

2. Gênero e Educação

Sabe-se que a Educação não ignora um debate sobre gênero. Porém, a discussão das relações de gênero nesse âmbito privilegiou por muito tempo questões relacionadas à profissão docente e/ou a feminização do magistério. Louro (2.002, p.227) alega que apesar do conceito de gênero ter nascido dentro do Movimento Feminista como uma das formas de resistência ao regime autoritário, “isso não garantiria que as questões de gênero fossem reconhecidas como igualmente políticas, prioritárias e urgentes”. Muitos anos de discussão foram necessários para que a inclusão do conceito fosse reconhecida como relevante. Sua incorporação foi marcada por “distintas interpretações e várias afiliações teóricas” (Louro, 2.002, p.228), concentrando-se por muito tempo a atenção nas meninas e nas mulheres.

Ainda assim, essa incorporação significou um salto qualitativo na pesquisa educacional, diante da antiga desintegração entre os estudos de gênero e os estudos sobre educação denunciada já em 1.988 por Bruschini e Amado. Para as autoras “a integração do resultado dos dois campos teria conseqüências extremamente positivas” mas que para isso faz-se necessário que tanto as/os educadoras/res quanto as/os pesquisadoras/res assumam a eliminação da discriminação de gênero como prioritária.

Quase duas décadas depois de Bruschini e Amado (1.988), Rosemberg (2.002) a partir de pesquisa realizada acerca da produção acadêmica sobre “educação formal, mulher e gênero” na década de 1.990, constatou uma produção esparsa e escassa no campo da educação, uma divulgação restrita e um subaproveitamento sobre o tema educação no campo da produção feminista, e no campo das políticas educacionais. O tema relacionado à

educação e relações de gênero constitui novidade nas teses de doutorado na década de 1.990 e sua qualidade é bem heterogênea.

Considerando o exposto acima, a temática da pesquisa em questão vem ao encontro da necessidade de estudos que descrevam cenas do cotidiano escolar e sua organização sob a ótica das relações de gênero objetivando um refinamento do debate na área e visando em última instância, a construção de uma escola democrática que contemple e inclua a diversidade de nossa sociedade.

3. A pesquisa² e seu contexto

A pesquisa em questão trata-se de uma etnografia escolar que tem como objeto a investigação dos significados de gênero presentes em uma escola pública municipal da cidade de São Paulo. Procurei observar e perceber os significados de gênero presentes nas diferentes situações, aulas, diálogos, rotinas, regras e na utilização de seus espaços, procurando também apreender o ponto de vista e as opiniões dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para tanto, foram realizadas observações das crianças de um quarto ano e suas interações com as/os demais funcionárias/os da escola na sala de aula, sala de leitura, educação física e recreio.

A escolha de uma escola municipal deve-se à especificidade do momento atual das políticas públicas voltadas para a Educação em São Paulo, onde existem três diretrizes básicas: acesso e permanência, gestão democrática da escola pública e qualidade social da Educação, entendendo-se por qualidade social a inclusão de todos/as e a oferta de oportunidades iguais à todos/as, com um olhar voltado para a diversidade cultural (etnia, gênero, classe, etc). Dentro desse contexto há preocupações explícitas com uma reorganização curricular e com a formação de professores/as voltada para o entendimento e o respeito às diferenças.

A escola escolhida fica num bairro da periferia do município São Paulo onde a maioria das famílias é de população de baixa renda, muitas procedentes de favelas de outros bairros pobres, a maioria tem suas origens em outros estados (principalmente norte e nordeste), as ocupações de pais e mães são de baixo prestígio social, nenhum membro das

² Pesquisa em andamento: mestrado em Educação iniciado em 2.002 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e com término previsto para no máximo fevereiro de 2.005.

famílias pesquisadas possui nível superior completo, a maioria das famílias possui ensino fundamental incompleto com grande número desistente ainda nas séries iniciais.³

A forma como a pesquisa foi desenvolvida – etnografia escolar – não será explorada no presente texto que tem como principal objetivo apresentar e discutir alguns dados obtidos na pesquisa em campo.

4. Significados de gênero do cotidiano escolar

No que diz respeito à forma de expressão das meninas e meninos ou significados de gênero presentes no cotidiano da sala de aula estudada, eu diria que são muito complexos e variados, mas o que predomina é uma visão de masculinidade expressa através da violência (muito presente no bairro em que a escola está inserida) e completamente em oposição a uma feminilidade hegemônica onde a mulher é vista como ligada à sensibilidade, delicadeza, discrição, fragilidade, sensualidade ou ao cuidado e apesar da escola ter como um de seus princípios a co-educação, havia a tendência em separar meninos e meninas ou a “encaixar” os meninos e as meninas em certos padrões considerados adequados para cada sexo. Muitas falas da professora Teresa em diferentes situações da sala de aula, reforçavam esses padrões como em uma situação onde ela falava sobre bom comportamento e citou como exemplo uma aluna, dizendo: “*a Francielen⁴ é boazinha, calma e boa para a professora*”. Em uma situação onde duas alunas trocavam bilhetes, a professora os rasgou e disse: “*Está vendo meninas, por isso que vocês não aprendem matemática, só sabem tagarelar!*”. Outras vezes, a professora tentava “encaixar” meninos e meninas em comportamentos considerados adequados para cada sexo como em um dia onde um aluno jogava papel nos outros e ela disse: “*Luis, você é um homem, se comporte como tal!*” ou dirigindo-se a uma menina sentada com as pernas abertas: “*Senta direitinho, isso não é modo de uma menina sentar*”. Em uma ocasião onde a professora contava a mim sobre um passeio pelas ruas do bairro, onde encontraram um cachorro quase morto com um pano amarrado no pescoço, disse: “*... as professoras todas medrosas e as meninas também, nem*

³ As informações descritas são baseadas em questionários distribuídos para pais e mães de alunos/as da escola em questão.

⁴ Todos os nomes utilizados são fictícios.

chegaram perto. Mas aí o Bruno todo corajoso tirou a faixa do cachorro. Precisa ver a coragem dele, todo mundo elogiou”.

Na primeira situação descrita acima, a professora Teresa associa a aluna às características como “boazinha, calma, boa” e ainda tenta demonstrar em sua fala que essas são as características ideais a todos/as os/as alunos/as. Em nossa sociedade, essas características têm sido associadas ao feminino e é um dos modelos de comportamento do/a bom/a aluno/a. Comportamentos que deveriam ser discutidos no grupo entre meninas e meninos como o caso do menino que estava jogando papel nos outros, são vistos como inadequados para um homem, assim como foi chamada a atenção da menina não apenas por não estar sentada corretamente, mas por não estar sentada como uma menina deveria estar. A situação da menina que conversava também segue esse padrão: além da professora chamar a atenção pela conversa (questão que deveria ser tratada no grupo também), ela ainda reforça o estereótipo de que as meninas têm naturalmente uma tendência a ir mal em matemática. No relato da professora sobre o passeio pelas ruas do bairro, sua fala reforça estereótipos quanto a meninos corajosos e meninas medrosas.

A professora sempre referia-se à classe no masculino e nunca falava na participação dos pais das crianças, sempre referia-se às mães: *“A tarefa de casa é com a ajuda da mãe”* e *“quem estiver de reforço, a mãe ou a vizinha terá que vir aqui segunda-feira conversar com a coordenadora”*. Essa situação informa implicitamente que é a mulher, a mãe que deve “cuidar” das crianças, a imagem do pai estava sempre associada ao provedor, ao homem que trabalha fora de casa e não tem tempo para cuidar dos/as filhos/as.

Outra situação que chamou atenção foi o dia em que a professora estava explicando que *“desde 1.800, o homem já se preocupava com o meio ambiente”* e foi surpreendida quando uma aluna indagou: *“e a mulher, não se preocupava?”*.

A escola convive com diferentes masculinidades e feminilidades ao mesmo tempo em que uma visão bipolar e universalista tenta impor-se. Faz-se necessário investigar sistematicamente quais são os significados masculinos e femininos que aparecem na instituição escolar, como eles aparecem e de que forma influenciam a construção das relações de gênero entre as crianças.

É por acreditar na capacidade de intervenção e na mudança que a dinâmica social permite é que proponho a discussão do assunto a fim de que percebamos que apesar das armadilhas que o cotidiano possa nos apresentar, é através do desvendar dessas armadilhas é que poderemos transformar.

Referências Bibliográficas

BRUSCHINI, Cristina e AMADO, Tina. “Estudos sobre mulher e Educação: algumas questões sobre o magistério”. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: FCC/Cortez(64):4-13, fev.1988.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero: questões para a Educação. In: BRUSCHINI, C; UNBEHAUN, S. *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo, Ed.34, 2.002.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação Formal, mulheres e relações de gênero: balanço preliminar da década de 90. In: BRUSCHINI, C; UNBEHAUN, S. *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo, Ed.34, 2.002.

SCOTT, JOAN.W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n 20,v2, p.71-100, jul/dez 1.995.

SCOTT, JOAN. W. Prefácio a Gender and the politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.3, p. 11-27, 1.994.